

**EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL DE PINTURA**  
**M. Manuela Mendes da Silva**

***A PINTURA COMO MEMÓRIA DE UM FAZER PICTURAL***

Em Manuela Mendes da Silva a pintura está sempre presente pela sugestão da textura, é certo, mas também pela revelação do processo. Todavia, existe uma espécie de gesto primordial que se suspeita e se insinua pela sistemática repetição de movimentos, em obstinado desejo de fazer erguer realidades novas e distintivas. Algum do ideário de teor romântico persiste, ainda assim, na medida em que uma suposta percepção de que a 'ruína' e o 'resto' é o que salva, ou permite sobreviver, a pintura e a arte. Não existe nesta sua pintura um gesto primeiro: todos os gestos são primeiros, porque participantes de um vislumbre de luz e de movimento total em jogo de tensões, ou uma organizada tensão de registos que oscilam entre a razão e a emoção, entre o pensar e o fazer, entre o ser e o produzir.

A presente exposição de Manuela Mendes da Silva, intitulada 'Texturas', e que se mostra numa das salas da AP'ARTE, corresponde a uma espécie de projecto in situ. A pintura que aqui se 'dá a ver' é toda ela percorrida por uma estratégia de intensa e densa gestualidade no modo como o acto de pintar percorre o plano da tela. Pintura nua, ingénua, mas de autenticidade sentida relativamente a uma vontade de dizer o indizível. Pintura, por isso, onde a narrativa não se contém nos limites do espaço do quadro. Num espaço de dimensão e de movimento a mancha parece surgir como objecto. Em adequação procurada, certa, e que mais não faz do que reiterar uma identidade que se origina, ainda, de uma convicção e de uma consciência acerca da importância da pintura enquanto simultâneo fazer e processo.

Pensar e fazer coincidem-se em acto de pintar o gesto para além das referências e dos propósitos. Assim, a pintura desenvolve-se enquanto desaguar da mancha, que tudo arrasta e contamina, desde o gesto até à textura, onde se compromete uma ambígua correspondência entre a transparência e a opacidade. A memória da gestualidade é, então, a de uma viagem que se transita num percurso sempre previsível. Pintura denunciadamente policromática, com monocromia dentro, que aspira a um necessário desejo de libertação. O movimento na pintura decorre, finalmente, de uma atitude de deposição dos materiais e das matérias do suporte. Umas vezes o gesto submete-se à cor, outras vezes é a cor em relação ao gesto. E, nesta (in)decisão, sobrevive a pintura enquanto memória de um fazer o gesto que se dilui em contida violência e em espaço de diferença e de limite.

António Quadros Ferreira  
2011